



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
ALESSANDRA HEINZ

**FORMAR-SE TERAPEUTA: UM ESTUDO DA OBRA DE PARMÊNIDES EM
BUSCA DOS PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO DO ONTOTERAPEUTA**

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019

ALESSANDRA HEINZ

**FORMAR-SE TERAPEUTA: UM ESTUDO DA OBRA DE PARMÊNIDES EM
BUSCA DOS PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO DO ONTOTERAPEUTA**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel
em Ontopsicologia Curso de Graduação de Bacharelado
em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Mestre. Fernanda Martins

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Mestre. Fernanda Martins
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Bruno Fleck
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Prof. Dr. Josemar Soares
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Recanto Maestro, 13 de outubro de 2019.

FORMAR-SE TERAPEUTA: UM ESTUDO DA OBRA DE PARMÊNIDES EM BUSCA DOS PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO DO ONTOTERAPEUTA ¹

Alessandra Heinz²

Fernanda Martins³

RESUMO

O objetivo desse trabalho é compreender o valor da ontoterapia sob a luz dos escritos do filósofo Parmênides que compõe o Background da Ontopsicologia, buscando evidenciar como este contribuiu para os pressupostos de formação do ontoterapeuta. Realizou-se uma pesquisa teórica e bibliográfica. Os resultados apontam que através da ontoterapia é possível ao homem ter acesso a informação do princípio metafísico que nele é presente, o Em Si ôntico, cujo fundamento está amparado na sentença parmédiana o ser é.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Ontoterapia; Ontologia; Parmênides.

Abstract

The aim of this paper is to understand the value of ontotherapy in the light of the writings of the philosopher Parmenides who composes the Background of Ontopsychology, seeking to highlight how this contributed to the ontotherapist's training assumptions. A theoretical and bibliographical research was carried out. The results indicate that through ontotherapy it is possible for man to have access to the information about the metaphysical principle that is present in him, the ontic In-itself, whose foundation is supported by the Parmedian sentence the being is

Key-words: Ontopsychology; Ontotherapy; Ontology; Parmenides.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de *Bacharelado em Ontopsicologia*, da Antonio Meneghetti Faculdade.

² Acadêmica do Curso de *Bacharelado em Ontopsicologia*, da Antonio Meneghetti Faculdade

³ Orientadora, Docente da Antonio Meneghetti Faculdade.

1 INTRODUÇÃO

A origem da vida é motivo de muitos estudos, numerosas hipóteses e teorias. Diante de todas elas, concordamos com o autor Antonio Meneghetti que afirma que “nós viemos do mais” (2015, p.15). Não há provas contundentes sobre o evolucionismo, e podemos levar em consideração que a vida terrestre pode ter sido plantada por outras civilizações superiores à nossa. O fato de que nossa percepção atual não possa colher tal informação, não desmente o fato de que a vida sempre existiu, mesmo que não saibamos quando e como iniciou.

O estágio de evolução que estamos vivendo atualmente não é tão determinante, no sentido de que “é um dos tantos graus que a vida em sentido cósmico já viveu” (2015, p. 19). O que podemos constatar é que nesse constante nascer e morrer de milhares de pessoas nos mostra que a vida escorre em evolução, se finda e inicia novamente.

A vida sempre existiu e sempre existirá. A vida existe no tempo e no espaço e fora do tempo e do espaço. Existem tantos tempos e tantos espaços quantas forem as relações das galáxias entre si, existem tantos tempos e tantos espaços quantos forem os pontos de observação. Diversos tempos e diversos espaços podem coexistir, ou infraexistir ou até supraexistir (MENEGHETTI, 2015, p. 20).

A nós humanos, saber o valor de viver nesse momento está intimamente relacionado a compreender o sentido de tudo que existe, e tal conhecimento pode a nós ser revelado, pois “em alguma parte somos essa vida nascente em si, só que é necessário confirmá-la também através da perluastração consciente e histórica” (MENEGHETTI, 2015, p18). Tal conhecimento pode ser conquistado pelo nível de crescimento individual alcançado momento a momento, ou seja, há em cada ser humano um conhecimento objetivo, que permite alcançar aquilo que é a verdade própria: “cada um de nós, quando aprende, está retornando a um lugar onde a vida já havia falado com certa clareza” (MENEGHETTI, 2015, p.22).

Se a vida é esse constante reiniciar-se, poderíamos nos colocar a questão de qual o sentido de tudo isso, pois ela nos coloca aqui e depois nos retira, e se impõe o questionamento de entender qual o valor disso para o ser humano. Compreendemos que Meneghetti apresenta uma resposta elucidativa:

A partir do momento que criamos o problema, nós existimos, a vida existe. Mesmo que nós desapareçamos, é real a vida, e não a morte. A

angústia, a dor, o risco confirmam a vida que sempre é, mesmo quando a nós parece desaparecer, quando parece um momento de passagem. (MENEGETTI, 2015, p 23).

Antes de existirmos, não somos necessários à vida, porém, quando, pela união não casual do encontro de duas pessoas que permitem ao ser humano nascer nesse planeta, lhe é dado participar da essência, uma vez que o ato de existir é coincidente com o ato em si da vida (MENEGETTI, 2015, p.25). Não sendo ao acaso a existência individual de cada um, faz-se clara a responsabilidade pessoal de existir de forma adequada ao próprio projeto individual, bem como entender qual o valor possui o existir de acordo com as coordenadas do ser, pois é isso que vai determinar a plenitude de estar aqui:

Nós não somos escolhidos diretamente pelo Em si avulso da história; todavia, a partir do momento que a história nos determina, nós vivemos com a mesma importância do Ser em si [...] a partir do momento em que eu aconteço, necessariamente sou amado, sou desejado, necessariamente meu nome é chamado desde sempre (MENEGETTI, 2015, p. 27).

O homem nasceu para a vida, no entanto traz consigo constantemente mal-estar, insatisfação, falta de sentido de vida, doenças, e esqueceu completamente sua realidade de ser um projeto único e irrepitível do ser. Mas por que isso ocorreu? De fato, fomos todos sempre massificados por uma moral que nos condicionou a vivermos dentro de regras controladas que nos fez executar roteiros muito bem estabelecidos, mas que levaram a uma cisão interior, nos afastando para longe do Ser que nos fundou. A moral social é, portanto, algo que nos priva do direito de ser, “é uma unidade de medida, um segmento, ao qual, cada múltiplo deve ser reconduzido para ser verificado. É um traço fixado e fixante da contínua criatividade da vida” (MENEGETTI, 2015, p. 70).

Podemos distinguir duas morais presentes no jogo da existência, a moral sistêmica e a moral ôntica (MENEGETTI, 2013, p. 81). A primeira diz respeito àquelas regras que nos são impostas como absolutas relacionadas à família, regras sociais, culturais e religiosas. A moral ôntica é coligada à intencionalidade da vida, “intencionalidade significa o modo desejado por quem tem o poder de fazê-lo” (MENEGETTI, 2013, p.82).

Diante do exposto, não queremos mostrar que o homem é vítima das leis que os modula. Ao contrário, todo esse aparato se mantém porque ele próprio continua a manter tal lógica, “Sou eu, com o meu corpo, com a minha vida, a vivificar os mortos e a me desmentir. Sem mim eles não existiriam; mas eu, sem eles, existo, de qualquer modo sou” (MENEGETTI, 2015). A proposta não é fazer rebelião. A ciência Ontopsicológica indica o caminho de não afrontar diretamente as leis e morais estabelecidas, porque elas sempre

estarão presentes enquanto o homem viver em sociedade. Meneghetti (2015) nos faz ver que ao relativizarmos as leis morais estamos conquistando uma liberdade interior.

O caminho de reconciliação com a própria verdade passa pelo reconhecimento de si mesmo, no entanto, tal busca é reencontrar aquilo que somos: “A revelação, a reconciliação com a vida começa pela interioridade do existente, deixando de executar as ordens e de confundir aquilo que os outros dizem com o sentido do eterno, da verdade. A verdade não fala do exterior”. (MENEHETTI, 2015, p 72).

Desse modo, a delimitação do tema está relacionada ao estudo do valor da ontoterapia enquanto instrumento para que o homem possa saber a si mesmo em transparência. Para isso vamos dialogar com o filósofo Parmênides, um dos autores que compõem o Background da Ontopsicologia, o qual sustenta que “o mundo do ser é o mundo da verdade” (MENEHETTI 2010, p. 78), com intuito de compreender, através dos fragmentos de escritos do autor, como este conhecimento contribuiu para a concepção de ontoterapia. O problema de pesquisa que se busca elucidar é: como ampliar a compreensão acerca dos pressupostos para a formação do ontoterapeuta, a partir da contribuição de Parmênides?

Tal estudo será de cunho teórico e bibliográfico, através de revisão de literatura. Para isso nos propomos primeiramente a conhecer o conceito de terapia e compreender como ela se situa junto ao método da Ciência Ontopsicológica. No segundo momento, faremos a apresentação de alguns fragmentos de escritos do filósofo Parmênides, correlacionando-os com os fundamentos da ciência ontopsicológica. Por fim, nos propomos a discorrer sobre o processo de critério de direção da ontoterapia – O Em Si ôntico, o Em Si do ser.

Parte-se da hipótese de que o homem perdeu a capacidade de conhecer o seu próprio íntimo e desconhece que o verdadeiro conhecimento é originário no seu próprio ser. Isso implica na necessidade de resgatar o modo de ter acesso novamente à informação já intencionada pela vida no homem.

Justifica-se este estudo por se tratar de um tema atual, num contexto que cada vez mais a identidade humana vem sendo deteriorada por informações e comportamentos de massa, perdendo, portanto, a ética da própria identidade. Uma vez que o sujeito não é capaz de reconhecer o seu próprio bem, também não pode ser bom para a sociedade, conseqüentemente a existência experimentada pela humanidade permanecerá se não houver a atuação do ontoterapeuta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A terapia como instrumento

O termo terapia do *lat.* *therapia*, do *gr.* *Therapeia* significa: cuidado, previsão, solicitude, trato cuidadoso, intimamente ligados aos cuidados do corpo e da mente, mas diretamente relegado à arte médica. Inicialmente o termo estava igualmente relacionado a um valor de caráter moral, ligados à veneração (geralmente ligados a autoridades e deuses); a ocupar-se com devoção aos superiores e pessoas próximas, bem como a cura num sentido amplo (MENEGHETTI, 2010).

Se percorrermos a história da terapia ocidental é possível constatar que a busca por uma cura do corpo e da alma sempre esteve presente. Trazendo à tona os primeiros filósofos gregos que não possuíam um modelo onde se basear, buscaram se empenhar em práticas de modos de viver bastante singulares:

Como uma medicina contra o mal-estar de uma existência desagradável, buscavam praticar uma série de exercícios físicos e espirituais que levassem a recriar sua vida cotidiana, mesmo que isso implicasse pagar o preço do afastamento radical, do reconhecimento da solidão [...] Porém, sua pedagogia não era a de repassar um receituário. Ela consistia mais em propiciar as condições de descoberta do próprio caminho do que indicar qual seria o resultado correto de cada ação. (PEREZ, 2007, p.9).

Hipócrates, o pai da medicina, se utilizou do termo para a cura de doentes, e apesar da escola hipocrática afirmar não haver diferença entre a medicina e a filosofia, e que seu praticante devesse conhecer a fundo a natureza humana, na prática isso não ocorria, pois “os textos hipocráticos afirmam que não é a filosofia que oferece aqueles conhecimentos e sim a medicina” (PEREZ, 2007, p. 14). Assim, para conhecer a natureza do homem, era necessário apenas conhecer seus hábitos, seus alimentos e bebidas. Conhecendo tais dados o médico poderia recomendar uma rotina de exercícios físicos e dieta (PEREZ, 2007).

Entre os cristãos e os judeus existia uma medicina que segundo eles se baseava no cuidado não apenas do corpo, como também da psique, que, conforme pensavam, era onde se originavam a causa de muitos males de difícil cura, sendo o deserto, o ambiente ideal para o tratamento (PEREZ, 2007). A prática consistia “na austeridade, no abandono de todas as suas propriedades, a solidão, a contemplação, a celebração em comunidade e celibato. A renúncia da vida mundana seria a terapia para uma cura eterna” (PEREZ, 2007, p. 14).

A igreja católica se utiliza do termo cura como “serviço espiritual ou cura das almas” (2015, p. 84), onde reside, na figura do padre o poder de oferecer a cura, nesse sentido, conforme Meneghetti (2015), a terapia fica dependente e amparada a partir dos valores do outro. Em contraposição, na era medieval, existiam as bruxas, que por possuírem um conhecimento doméstico da saúde e da cura, são diretamente confrontadas com os poderes centrais da época: “Nas figuras do padre, do médico e do governante, alternam-se os agentes da disciplinarização que insistem em submeter a ação da mulher aos códigos morais e sociais da corporação nascente” (PEREZ, 2007, p. 16).

Para ciência Ontopsicológica o conceito está ligado ao “cuidado ou atenção com, frequentemente em relação às coisas interiores ou sacras” (MENEGHETTI, 2010, p.281). A base da ontoterapia é ontológica, tem como ponto de referência as diretivas da identidade do ser, do Em Si ôntico do indivíduo, é o ponto de referência para dar o teor de organização da vida, evidenciando se os comportamentos, os pensamentos e ações são condizentes com a informação da alma, “A psicoterapia significa acessar ao em si constituinte da vida que sou” (MENEGHETTI, 2015, p. 91).

A psicoterapia ontopsicológica é um instrumento que serve como base preliminar às outras ciências, pois ela tem como objetivo revisar a exatidão da consciência do operador do conhecimento: “o homem só é base de origem enquanto é conforme a própria natureza” (VIDOR, 2018, p. 71), pois quando está em conexão com o próprio ponto de realidade, o Em Si ôntico, têm os parâmetros de conhecimentos sólidos para operar qualquer campo do conhecimento, ou seja, o verdadeiro conhecimento científico deve ter como operador um homem que age conforme a própria verdade.

2.2 De Parmênides a Meneghetti: O fundamento ontológico que sustenta um conhecimento epistêmico

Na estrutura do Background da ciência ontopsicológica, Parmênides é quem colhe a essência da ontologia, ele nos mostra que o ser é presente em todas as coisas, é o motor imóvel e é todo o real (MENEGHETTI, 2010). A lógica ontológica nos ensina que o verdadeiro conhecimento é indissociável daquilo no qual está fundamentado, o ser: “o ser é unidade de ação de toda informação” (VIDOR, 2018, p. 49). A base da identidade humana é sustentada pelo ser, e caso o homem contradiga esse princípio, encontra-se em erro: “A contradição aos princípios exclui o acesso à verdade e reduz o processo a nada, que é negação do ser” (VIDOR, 2018, p. 49).

Sendo o ser que dá origem e está presente em todas as coisas, é ele também base e fundamento do pensamento lógico (2018). O nosso critério de verificação só é válido se partir de uma lógica ontológica, fora disso, caímos no mundo das opiniões. “De fato, ou se intui o ser, ou permanece na vacuidade memética de um *ipse dixit*” (MENEGETTI, 2011, p. 169).

Nos fragmentos dos escritos de Parmênides, vamos exercitar a identificação dos conceitos que estão na base de sustentação da terapia ontopsicológica, fazendo as correlações necessárias para elegermos os pontos que entendemos que dão corpo de sustentação a terapia ontológica.

Fragmento II:

Vamos lá! – eu interroguei, tu porém, auscultando a palavra, cuida que caminhos únicos do procurar são dignos de serem pensados: um, que é e não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se). O outro, que não é, e necessariamente não-ser é; este caminho e te digo em verdade ser totalmente insondável como algo inviável; pois não haverias de conhecer o não-ente (pois este não pode ser realizado) nem haverias de trazê-lo à fala. (PARMÊNIDES apud LEÃO, 1999, 45).

O ponto de partida do ser humano, aquilo que o causa o mantém é o ser, “Eu sou porque o ser é” (MENEGETTI, 2015, p.29). A partir do momento em que o homem existe a sua identidade está incorporada com o ser, o ser o habita, e tal presença é que garante a existência, fora dele isso não seria possível. Tal condição implica numa exigência de que o humano deva se conduzir de um modo específico, com base nesse projeto pelo qual está coligado. Viver em fidelidade ao Em Si ôntico vai determinar a plenitude de alegria de sentir-se realizado, “a essência do real está somente aqui, neste Eu sou, e percebo que aqui sou, fora disso não sou, porque é a presença do ser que descobri no Eu sou que faz ser ou não ser, que faz categórico entre ser e nada” (MENEGETTI, 2011, P. 164).

Ao contrário, quando não se colabora com o próprio projeto, quando se trilha o caminho do não-ser, o humano determina existência de morte, há uma constante dissociação daquilo que vive e sente, vive a mercê do medo e da angústia: “Para mim, essente e existente, é absurdo, inconcebível, inimaginável o não ser, porque eu sou. O ser é e basta. Não é nem mesmo necessário o não-ser não é” (MENEGETTI, 2011, p. 164).

Fragmento III: “...pois o mesmo é pensar e ser.” (PARMÊNIDES apud LEÃO, 1999, página 45).

Quando o homem vive idêntico ao próprio projeto experimenta o que é viver em unidade com o ser, “enquanto conhece o próprio ponto de interioridade última, configura-se centro do todo, e o todo lhe é amigo, lhe é servo, lhe é inevitável presença e adoração” (MENEGHETTI, 2015, p. 54). A Ontopsicologia nos mostra que para viver o fim primário da existência é necessário que o nosso eu psicológico seja conduzido pelas coordenadas da alma, do Em Si ôntico, isso que vai garantir a conexão com tudo o que é possível de se conhecer para ter uma existência coligada com o ser, e ao mesmo tempo garantir uma existência realizada: “Imediatamente, tão logo a consciência aprende a contemporaneidade de Eu a priori e Em Si ôntico, a partir da evidência externa ‘eu existo’, descobre-se Eu sou”.

Fragmento VI: “Faz-se necessário trazer à fala e perscrutar e o ente ser: pois ser é, nada não é”. (PARMÊNIDES apud LEÃO, 1999, página 45).

Aprendemos que a identidade humana é pautada naquela parte do ser presente no homem designada por muitas tradições por alma, é uma inteligência divina presente no humano e que a Ontopsicologia definiu Em Si ôntico. “Quando digo Em Si do homem entendo o ponto último do qual principia a determinar-se uma individuação. É o princípio que faz ser ou não ser, existir ou não existir. É um ponto dinâmico, semovente, inteligente” (MENEGHETTI, 2015, p. 112). Porém, quando o homem não realiza na existência aquela parte do ser que ele é, de fato não pode pertencer ao ser. Para Meneghetti (2011), Parmênides acrescentou o “não-ser não é” pois aquilo que não é conforme o ser, não é, não pertence ao eterno.

O ser, de fato, que faz a diferença: se o homem é ser é; e então é verdadeiro também aquilo que faz e diz se – no seu fazer ou dizer – sempre tem conformidade e conveniência com o ser em si (particular). Se se esquece o ser, se distancia e se sai da ecceidade do ser, então, não se encontra mais a estrada de casa (MENEGHETTI, 2005, p. 29).

No homem existe a remoção do acesso direto às informações do ser, e quando este busca se experimentar e conhecer ocorre um desvio a partir de três aspectos aberrantes que são: a) os estereótipos do racional histórico-familiar e do racional histórico-ambiental; b) os complexos; c) o monitor de deflexão - uma espécie de computador acoplado no interior das reflexões somáticas informativas nos processos cerebrais que estabilizam e definem a consciência do Eu lógico-histórico (MENEGHETTI, 2018, p. 194). Tais interferências impedem o acesso ao real do Em Si ôntico.

Estar na existência sem saber-se é algo estranho, sem sentido. Existe uma desconexão e uma desproporção entre o avanço tecnológico e conhecimento interno, e tantas vezes a tristeza humana, a ausência de sentido de vida só poderá ser aplacada e reparada por uma realidade metafísica. Acreditamos que exista um apelo interior, uma angústia, que sempre busca chamar o homem para a sua interioridade, para eu seu autoconhecimento. É uma tarefa que pode ser renunciada, porque dela depende a vontade de homem de escolher, porém ela se apresenta como possibilidade de retorno ao “próprio originário metafísico” (MENEGHETTI, 2015, p. 47).

Fragmento V: “O comum me é dado, de onde sempre inicio; pois para lá eu irei retornar de novo.” (PARMÊNIDES apud LEÃO, 1999, página 45).

Quando o Eu lógico histórico identifica uma informação da alma, o homem pode constatar Eu sou, “quem alcança a total consciência do Eu Sou entra na visão ôntica do ser” (MENEGHETTI, 2010, p. 37). Podemos afirmar que a alma é eterna, não obstante a esse planeta, o tempo e espaço. De modo prático, podemos deduzir que na existência, se o homem não for contra o próprio projeto, caso não faça corrupção com a própria natureza, a pessoa poderá viver em estado permanente do ser que é, permanece feliz naquele ponto que é a eternidade do ser, “Enquanto é, o homem é tudo e para sempre” (MENEGHETTI, 2010, p. 37). As experiências que o homem vive não tocam aquele ponto que é sagrado nele, pois não é limitado à experiência daquilo que vive na existência, não é determinado pelo seu sexo, pelas experiências cotidianas, pois “quem compreende o viver da própria alma e sabe conservá-la no estado eficiente de graça, está fora do tempo e espaço, vive, mas é como se já tivesse morto para realidade” (MENEGHETTI, 2010, p. 38). Portanto, é como se a pessoa vivesse num estado de paraíso interno, pois as condições e contradições do mundo exterior não o demovem daquele ponto que é eterno nele.

O fato é que a ação humana sobrevive eternamente “cada homem transcreve-se como marca mnésico-dinâmica para sempre no todo em evolução” (MENEGHETTI, 2015, p 49). Existir é, portanto, uma responsabilidade, pois mesmo quando o indivíduo desaparece, todas as suas ações ficam marcadas e memorizadas na história do planeta.

Os fragmentos analisados acima vão dar base aos três princípios ônticos evidenciados pela ontopsicologia, os quais foram possíveis de elucidar por causa do legado deixado por Parmênides. Conforme Meneghetti (2011, p. 463) tais princípios são distintos do discurso racional da mente, não possuem fenomenologia, mas sim são evidenciados por intuição:

- 1) *Eu sou*: “Tão logo a consciência aprende a contemporaneidade de Eu a priori e Em Si ôntico, a partir da evidência externa “eu existo”, descobre-se *Eu sou*” (MENEGHETTI, 2011, p. 463). Cada coisa ou objeto que podemos qualificar tem um elemento em comum e fundamental, a presença do ser. Tal fato nos permite reconhecer o objeto a partir de nós mesmo, no nosso íntimo, porque o sujeito e o objeto são “ambos essentes no único ser universal”. (MENEGHETTI, 2011, p. 463) O aspecto significativo está no fato de que o existir só é verdadeiro na condição em que se está conectado com o ser.
- 2) *O ser é, o não-ser não é*: “A essência do real está somente aqui, neste *Eu sou*, e percebo que aqui sou, fora disso não sou, porque é a presença do ser que descobri *Eu sou* que faz ser ou não ser, que faz o categórico entre ser e nada”. (MENEGHETTI, 2011, p. 463). Isso significa que se o ser é, não tem como ser falso, porque se assim o fosse não seria. Quando o homem desmente aquilo que é, está traindo a própria força de vida presente nele. Então, não existe a identidade sem a presença de ser, porque o homem é, existe, porque o ser é real, o não-ser não existe.
- 3) *Eu sou, assim como o objeto, parte do ser. O todo é maior que a parte*: “*Eu sou*, colho-me no todo. Também o objeto é, mas não é tudo. Colho-me parte de um inteiro, de um conjunto, e dou-me conta – por evidência no interior da intuição pura do ser – que eu sou parte, e o todo é maior do que a parte”. (MENEGHETTI, 2011, p. 463). O homem é parte do ser, mas não é todo o ser.

É partir desses princípios que o conhecimento pode ser avaliado com precisão, pois a lógica necessita ser ontológica, ter integridade com a informação do ser, pois é a presença de ser que faz a significância, que dá o critério do real, é na relação ôntica que o homem pode se desenvolver em unidade “A lógica é exata somente se é ontológica” (MENEGHETTI, 2005, p. 63).

A Ciência Ontopsicológica cunhou o conceito de verdade ôntica: “como a coisa é” (MENEGHETTI, 2012, p. 267), e aplicando tal lógica à existência podemos afirmar que viver em verdade é estar com conformidade com o ser que se é. A existência do homem parte, portanto, de um dado fundamental: ele já é, o ser é nele, é parte dele. Na sua essência, o homem já é, independente das escolhas que efetuara na vida.

A verdade ontológica é propriedade intrínseca do ser ou existente. Ser e existente podem ser considerados como se fossem a mesma coisa, ainda que exista uma diversidade: o existente é o ser em fenômeno, na história, em autoctise, em exercício, no antes e no depois, no tempo e no espaço, aqui ou lá, etc. Portanto, a existência é consequencial ao ser. (MENEGETTI, 2005, p. 25).

O surgimento da ciência ontopsicológica partiu do questionamento de que se era possível ou não ao homem conhecer a verdade (MENEGETTI, 2015). Num sentido prático, o homem pode saber a sua verdade? Pode “saber o ser que é?” (MENEGETTI, 2014). Foi Parmênides quem filosoficamente possibilitou responder a questão da verdade, “o ser é, o não ser não é”, sendo assim crível ao homem acessar a verdade porque nele é presente esse princípio metafísico: ele é.

A partir do ato de reflexão é que o homem pode saber a si mesmo com exatidão. Ao entender que existe, pode mensurar através da razão, pode ler a partir da sua consciência, portanto, pode-se “saber o ser que sou” (MENEGETTI, 2014, p. 322). Saber o ser que se é passa pelo entendimento de ter uma identidade em consonância com a verdade do ser: “eu sou, eu existo, eu sei” (MENEGETTI, 2014, p.322).

É compreendendo a verdade da sua identidade que o sujeito alcança o critério do que é real, tem a possibilidade de fazer e alcançar o verdadeiro conhecimento, pois pode compreender e acolher a informação do ser, pode fazer nexos com a identidade do ser. E quem faz a mediação da informação ôntica no homem é o eu psicológico, é através da consciência que podemos ler o eu metafísico.

O problema consiste no fato de que o homem perdeu o acesso direto a informação do ser, encontra-se mal, não possui uma existência funcional ao próprio projeto e precisa reaprender a ter acesso à informação do ser, e a psicoterapia ontopsicológica é uma ferramenta fundamental para se aprender a ter acesso às informações, pois necessita purificar a consciência que funciona como um espelho, para voltar a refletir o real do que se é. A cada pessoa é dada a possibilidade de conhecer e ter acesso ao seu ponto fundante, e podemos deduzir que tal fato é a coisa mais fundamental para a vida. O único caminho é recuperar o acesso ao próprio projeto, que vão lhe orientar em modo singular quais decisões deve realizar.

Cada indivíduo tem a possibilidade de se reconhecer em profundidade e reimpostar a própria existência a partir da sua dimensão metafísica. A maioria das pessoas pensa e sente como se sua existência fosse anônima, mas constantemente são chamadas para o conhecimento de si, tem a possibilidade de intuir aquele ponto o chama para ser aquilo que

ele é verdadeiramente, tem-se a liberdade de “existir com a finalidade de se conscientizar como Eu no ser em si” (MENEGETTI, 2015, p.46).

Nesse sentido, buscaremos evidenciar no próximo capítulo, que a psicoterapia pode ser somente ontopsicológica, ou seja, o indivíduo para ser feliz e realizado deve conduzir-se psiquicamente a partir da lógica do ser.

2.3 O critério de direção da ontoterapia – O Em Si ôntico, o Em Si do ser.

Todos os humanos que nascem nesse mundo possuem em si uma marca do Ser, como se nele fosse cunhado uma palavra, e a missão individual de cada um seria poder comunicar essa palavra. Então, o existir humano seria em função de colocar-se na história para expressar aquilo que essencialmente o coloca em fidelidade com a palavra do ser presente nele.

Antes, porém, de ter essa consciência de ser, o indivíduo nasce num contexto familiar e social que o forma numa pedagogia que usualmente não condiz com a informação da própria natureza, condicionando-o à perda da própria identidade original. Dessa forma, em algum momento, por escolha e livre arbítrio, caso se queira conquistar o primado de poder pronunciar a palavra do ser, é possível a busca para um novo renascimento, mas agora em fidelidade àquela informação metafísica presente nele “Se o homem quer sentir-se lirismo divino, se quer perceber-se como sorriso caloroso e coração do mundo, deve renascer como fidelidade ao próprio princípio transcendente” (MENEGETTI, 2015, p. 113).

Renascer a partir do próprio critério de natureza requer percorrer um caminho onde será necessário se encontrar para além de todos os aprendizados sociais e familísticos, fazer profundas ab-reações de modos fixos de todos os comportamentos e pensamentos aprendidos, caso queira se repropor a viver em fidelidade ao seu projeto. A ontoterapia surge, portanto, com o a função de conduzir o indivíduo à experiência de viver em coerência ao próprio projeto ôntico e “perceber-se individuado do originário metafísico” (MENEGETTI, 2015, p. 120).

Em psicoterapia ontopsicológica, o papel do consultor é justamente ler a informação do Em Si ôntico do cliente, que é a identidade do ser presente no humano “O Em Si ôntico é a especificidade como o ser se presencia, se individua aqui, agora e assim” (MENEGETTI, 2010, p. 274). A ontoterapia vai propiciar ao indivíduo que ele revise se o

seu Eu está procedendo de modo correto, correspondente ao projeto do ser - o ser é; e isolar o que não é condizente e o que impede o crescimento da identidade - o não ser não é.

No processo ontoterápico, conforme Meneghetti (2015, p. 66), existe um esquema lógico que foi proferido em cinco tempos: 1) situação de impacto; 2) anamnese retroativa; 3) diagnose fideísta; 4) individuação ôntica do Eu; 5) diretiva empática. Tal percurso consente em exibir a situação interior do Eu histórico do cliente, individuar a demanda do Eu a priori, e a conscientização, que se refere à ação propriamente dita para que o indivíduo se converta em ser a si mesmo.

A metodologia se baseia em constantemente trazer as claras as pulsões do Em Si ôntico e aplicá-las na vida cotidiana do cliente, e através dos resultados vai fazendo a conexão, o nexa ontológico, ou seja, “que haja uma mediação que os leve à unicidade do ato que dá a evidência: eu sou porque o ser é, e o ser é porque eu sou” (MENEGHETTI, 2011, p. 166).

A ontoterapia implica em restaurar a consciência baseada nas projeções do Em Si ôntico do cliente, permitindo que ele possa atualizar suas ações a partir do ser que é. Há na ontoterapia a ideia de uma sanidade base, uma direção com “vetorialidade teleológica ôntica que é o determinante último do indivíduo” (MENEGHETTI, 2015, p. 50). Tal situação é evidenciada por três experiências de aprofundamento mental:

- 1) Para além de qualquer problemática existencial, diante de múltiplos modos existenciais conflitantes, sempre é possível encontrar a diretiva terapêutica que mostrará o ponto de saída ótimo da situação, sempre embasada numa escala de vitalidade “segundo o grau de essencialidade de cada momento tem para a vida”. (MENEGHETTI, 2015, p. 50). Cabe ao terapeuta encontrar, a partir dos vários modos que estão dissociados na pessoa, o ponto que o conduz a força da própria vida presente nele.
- 2) Existe um ponto ótimo que serve de critério para realizar o instinto presente no indivíduo até a tomada de decisão, que dá a compatibilidade entre aquilo que o Em Si precisa e a ação histórica do Eu.
- 3) O ponto ótimo é dado por base, “é uma presença atemporal e teleológica única” (MENEGHETTI, 2015, p. 50).

O ontoterapeuta irá individuar esse ponto ótimo que propicia a saúde mental do cliente através desse critério dado originalmente a cada um. O profissional consegue, por intuição, selecionar as ações que não condizem com a exigência do

Em Si ôntico, isso porque ambos estão originalmente coligados com a informação do ser.

O traçado-base do processo psicoterapêutico implica em: 1) identificação do Em Si; 2) Autenticação; 3) Evolução (MENEGUETTI, 2010, p. 311). O primeiro diz respeito a descobrir, para além das tantas escuridões que comportam os estereótipos, as ideologias e complexos, a identidade original da pessoa que a faz ser ou não ser; o segundo passo é conduzir as ações históricas do indivíduo em correspondência ao projeto de como o ser o posicionou; e no terceiro momento, a evolução, o sujeito pode, se assim o escolher, agir um caminho de ascensão segundo ao próprio projeto virtual aberto a infinitas probabilidades.

A história de cada pessoa passa necessariamente e inicialmente por um endereço fixo que é o ponto de referência que dá a proporção de organização da vida, é o que dá a identidade de cada um, baseado no ser, o Em Si ôntico. A questão é que os homens se conduzem de modo diferente daquilo que são em essência, e fazer ontoterapia é verificar se o seu Eu, que está preenchido pela influência do meio em que viveu, está se conduzindo de modo adequado ao próprio projeto ôntico. A ontoterapia possibilita a verificação da consciência humana, para que ela possa se adequar ao modelo da primeira identidade.

A tribulação existencial sempre tem como pano de fundo a angustia existencial, e as prostrações perante a vida ocorrem porque o homem não se possui desde o seu princípio, está atravessado por uma interferência mecânica que o coloca em carência “A debilidade do Eu constitui-se por uma carência no próprio ser aí” (MENEGHETTI, 2015, p. 80). Nesse sentido, o objetivo principal da ontoterapia é a verificação de “onde a psique se intenciona, onde o inconsciente acena, onde o Em Si se formula, onde o sujeito se se move antes ainda da percepção consciente” (MENEGHETTI, 2015, p. 120), em nossas palavras, através do Em Si ôntico podemos saber onde o ser se intenciona porque ele é a bússola que pode indicar, dentre tantas possibilidades, a estrada única para si mesmo, tendo como resultado uma vida organizada a partir das diretivas do Ser.

No início da vida temos uma situação potencial de sermos humanos: “o conceito de potencialidade é entendido como possibilidade prevista no ambiente ecológico” (MENEGHETTI, 2010, p. 252), e cada célula também só é distinguível por ter uma virtualidade específica: “virtualidade é a força de chegar àquela ordem, individuando-se concretamente” (MENEGHETTI, 2010, p. 252). Para o humano, isso significa que ele se desenvolve selecionando do *habitat* aquilo que serve para reforçar a sua identidade, nesse sentido “a própria identidade é o conceito de virtualidade, isto é, força com direção posicionada”. Assim temos o *habitat* onde há as condições necessárias para o

desenvolvimento e sobrevivência, e o projeto virtual que dá a forma específica, e essa capacidade de se especificar acarreta uma intencionalidade, que se distingue da virtualidade porque é dotada de uma vontade especificada “mas quando se decide pela atuação, a forma da ideia já existe” (MENEHETTI, 2010, p. 254). Todo esse processo possibilita ao humano uma evolução superior onde ele, numa máxima virtualidade pode atuar uma vida superior “até o interior do ser”. (MENEHETTI, 2010, p. 255).

Neste ponto podemos citar os pressupostos psicobiológicos da formação do Eu, sendo constituído por três instâncias: a) tecido orgânico e tecido genético; b) imediatismo de interação corpo-ambiente; c) incidência diretiva e organizada do social (MENEHETTI, 2010, p. 255). O Eu nasce justamente nesse processo de individuação do corpo, enquanto está selecionado o ambiente para si mesmo e tem como função fazer a ponte entre o organismo e o meio no qual está inserido: “O processo de individuação começa com o corpo. Ele coloca o Eu em contato com o ambiente, o espaço, o tempo, o tipo de genitores. Através desses últimos, a criança colhe as múltiplas facetas das outras realidades, das pessoas, das coisas” (MENEHETTI, 2010, p. 256). Portanto, o Eu está condicionado ao modo de organização de mentalidade onde a criança nasce e vive.

A consciência nasce exatamente depois dessa etapa, sendo “despertada muito mais por um processo social que por um processo orgânico” (MENEHETTI, 2003, p. 15). Acontece que é pela consciência que ocorre a apropriação dos objetos, de conceitos, de situações que vão determinar a tomada de decisão, e como já citamos precedentemente, existe uma interferência mecânica que estorva a percepção e leitura do real que incapacita ao homem de “mediar o ser em si com o ser histórico” (MENEHETTI, 2011, p. 62).

A técnica ontopsicológica é a única que mostra como homem pode realizar a mudança por como ele é, porque através das transformações a natureza vai restituindo e todos os aspectos da vida resplandecem resultando em melhor saúde, funcionalidade, experimentando o novo de modo agradável, e tudo isso ocorre em função de ter alcançado uma consciência que reflete o próprio Em Si ôntico:

Quem quer que chegue a essa dimensão íntima do ser, reconhece o outro vivente do ser, e o distingue dos tantos “zumbis” que perderam a consciência do próprio Em Si ôntico e, portanto, tem um Eu esquizofrenógeno do próprio Eu sou. No Eu sou se encontra a vida, o êxtase, o pleno, e o espírito absoluto. Eu sou uma palavra que o presencia aqui e agora, me ilumina e eu o ilumino, e nessa experiência eu me ilumino de imenso na amplidão do ser: vida com vida, luz com luz. (MENEHETTI, 2011, p. 65)

A partir da ótica psicológica o Eu aparece como ponto de grande referência porque é a partir dele que o humano vai tornar história a presença do mundo da vida que existe presente nele, “é o configurador de realidade histórica e metafísica da minha identidade” (MENEGETTI, 2015, p. 154), e através do Eu que o homem pode construir uma história em coincidência com o ser “E então esse Eu é pontífice, é autoridade, é chave de ordem e vida do ser para o Ser” (2015, p.155).

A ontoterapia é um instrumento que mostra como mudar o Eu, uma vez que não é capaz de refletir o real, possibilitando uma consciência que coincida com os impulsos do Em Si ôntico, porque ao viver a partir da lógica do real, se entra lógica de viver o ser que é.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós humanos somos apenas um instante nesse planeta e temos uma imensa responsabilidade, na qual Meneghetti (2011, p. 172) nos ensina que é uma força metafísica de alcançar o ser que habita em cada pessoa e que solicita a urgência de atuar na existência. A sentença parmediana o ser é nos coloca diante da máxima verdade, “se somente o ser é, o existir só é válido na medida e condição em que se conecta ou implica o ser” (MENEGETTI, 2011. P. 170), então, todos os comportamentos e ações humanas que tem como base as referências ao ser, estão de acordo com o pleroma da vida.

A ciência ontopsicológica nasceu da necessidade de dar solução ao problema crítico do conhecimento, e ao instrumentalizar a psicoterapia teve como finalidade verificar a capacidade da verdade, buscando responder questões pertinentes a possibilidade de conhecê-la, de que modo e como poderia fazê-lo (214, p. 37). Assim, para chegar à verdade faz-se necessário “reintegrar o homem ao seu Em Si”.

Através da ontoterapia pode-se renovar a consciência humana baseada no Em Si ôntico de cada indivíduo, pois ao evadir das expressões estereotípicas aprendidas do social, ensinando continuamente a ação histórica do Eu, a partir das diretivas individuais do ser que é em cada pessoa e “saber enverar através da ação específica existencial (ou concreta) a presença ôntica, significa constituir-se no uno, verdadeiro, bom e belo eterno” (MENEGETTI, 2011. P. 170). A psicoterapia ontopsicológica mostra-se eficaz porque soube identificar um método exato de reconduzir o homem à ordem do real, possibilitando a capacidade de ver o ser, ao reencontro com a sua verdadeira identidade ôntica, o ser é.

REFERENCIAS

LEÃO, Emmanuel Carneiro (org. e trad.). **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MENEGHETTI, A. **Conhecimento Ontológico e Consciência**. Recanto Maestro: Editora Universitária Ontopsicológica, 2011.

MENEGHETTI, A. **Da Consciência ao ser** como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro: Editora Universitária Ontopsicológica, 2014.

MENEGHETTI, A. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Revisada e atualizada. Recanto Maestro: Editora Universitária Ontopsicológica, 2015.

MENEGHETTI, A. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, Editora Universitária Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, A. **O Critério Ético do Humano**. 2. ed. Revisada e atualizada. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. 5. Ed. Recanto Maestro: Editora Universitária Ontopsicológica, 2015.

PEREZ, D. O (org). **Filósofos e terapeutas** em torno da questão da cura. 12. Ed. São Paulo.: Editora Escuta, 2007.

VIDOR, A. **O fundamento da ciência**. Recanto Maestro, Ed. Universitária Ontopsicológica, 2018.